

## CRUZEIRO — PERSONAGEM

## Alegria, alegria

Primeira habitante da cidade, dona Ivone viu a Aruc nascer na porta de sua casa, e jura que não troca o local onde mora, há 46 anos, por nada no mundo. Nem mesmo pelo amado Rio de Janeiro

DANIELLE ROMANI

DA EQUIPE DO CORREIO

**H**ajamos e convenhamos: largar o deslumbrante Rio de Janeiro e encarar o cerrado, ainda hoje não é tarefa das mais fáceis para os cariocas cheios de amor à praia e aos morros da Baía da Guanabara. Imagine há cinco décadas e meia, quando a nova capital e seus arredores eram apenas um matagal cheio de obras, gaviões, poeira e mais nada. “Foi duro deixar meu querido bairro da Saúde, onde eu ia a pé para a praia, e chegar aqui no aeroporto de Brasília para descobrir que tinha vindo morar dentro do mato”, lembra Ivone Araújo Eduardo, uma simpática senhora de 74 anos, que pode ser chamada, literalmente, da rainha da folia cruzeirense.

Em 30 de março de 1959 Ivone deixou a antiga Capital Federal para desembarcar na novíssima, que ainda nem havia sido inaugurada. Acostumada com o luxo e sofisticação dos ambientes oficiais cariocas, ela, que assim como o marido era funcionária-pública, recorda que escolheu um modelito caprichado para encarar a estréia e recepção em Brasília.

“Estava com tudo novo e em cima: sapato e bolsa de verniz, saia de veludo, blusa de seda, penteada, maquilada, mas quando olhei da janela do avião para baixo, vi que tinha me precipitado: não havia nada. Pensei: saí da cidade para morar dentro do mato”.

Não foi assim, mas quase. No desembarque, Ivone, o marido e a filha Leila foram recebidos pelo Grupo de Trabalho de Brasília (GTB) que os conduziu para a nova casa: um apartamento na recém-inaugurada 409 Sul, que além deles deveria abrigar outras duas famílias. “As casas que ti-

nam sido reservadas pra gente, na 714 Sul, tinham sido repassadas para as famílias dos deputados. Então tentaram nos jogar nesse apartamento coletivo, enquanto não construíam mais moradias. Mas era gente demais para tão pouco espaço”, lembra a carioca, que bateu o martelo. “Disse que não ficaria, que era pobre mas tinha minha casa e meu conforto no Rio de Janeiro, e que se não me dessem um local decente, voltaria.” Decidida, exigiu falar com o ministro da Fazenda, então chefe do seu marido. Ele deu o veredito: só havia um jeito. Transferir toda a família de dona Ivone para as casinhas apelidadas de “cemitério”, na Quadra 4, numa área repleta de gaviões, lobos-guarás, siriemas e outros bichos. Isso mesmo, o local que seria posteriormente batizado de Cruzeiro.

“Fomos para lá e só tinha 10 casinhas prontas, ainda sem água, luz, esgoto, pavimentação. E pareciam mesmo um cemitério, pois eram todas branquinhas e iguais”, recorda Ivone, que ficou assustada mas topou: melhor encarar um local com três quartos e privacidade, do que um apartamento coletivo.

Desde o primeiro dia, o pessoal da GTB garantiu o conforto e bem-estar da família Eduardo. “Mandaram trazer colchões, cobertas e colchas, pois a nossa mudança ainda não havia chegado. Mandaram botar vaso sanitário, bica. Traziam caminhões-pipas para encher nossos galões com água e forneciam energia até às 22 horas, com gerador. Também capinaram o mato, e vinham nos pegar para fazer compras na Cidade Livre, que era o Núcleo Bandeirantes”.

A segunda família a chegar ao bairro demorou mais 20 dias. Rapidamente, as dez casas foram ocupadas, e os vizinhos

Paulo H. Carvalho/CB/15.7.05



PORTA-ESTANDARTE E SAMBISTA, A MORADORA MAIS ANTIGA DO CRUZEIRO É PURO ASTRAL

— todos cariocas — passaram a se encontrar para batucar e jogar conversa fora. “Os papos giravam sobre o nome do local, que uns achavam que devia se chamar Gavião, outros Cemitério e outros Rede da Alegria. Mas vingou Cruzeiro mesmo, ainda bem”, diverte-se Ivone.

Os primeiros passos da amada Associação Recreativa do Cruzeiro, a pioneira escola de samba Aruc, foi na frente da casa de Ivone, onde hoje fica o quiosque Esquina 4, administrado pela sambista. “Queriam fazer um bloco. Alguém disse: que bloco que nada, vamos logo fazer uma escola de samba. Eu era porta-estandarte, e no primeiro carnaval que passamos aqui, em 1960, cada vizinho se fantasiou de um personagem importante da construção de Brasília. O meu era o de JK”, recorda dona Ivone.

Em 1961, a ARUC fez o primeiro desfile na W3 Sul, onde originalmente desfiliavam as escolas. De lá para cá, foram 26 títulos arrematados. Em todos os carnavais, com exceção de um no qual sua irmã foi atropelada, Ivone esteve firme e forte representando as cores azul e branca da escola. Mas se aqui desfila esse figurino, no Rio tem o coração tomado pela verde e rosa Mangueira. “Todo ano é a mesma coisa: desfile pela ARUC e logo em seguida corro pro Aeroporto pra poder chegar ao Rio e desfilar pela Mangueira”, conta Ivone, que tem dois filhos e cinco netos, e que garante: não perde uma roda de samba nem festa da Aruc. Por sinal, ela adora tudo que tiver dança e alegria. “Hoje vou para uma festa de formatura. Vou dançar até nascer o dia”.